



## Patrimônio material, História e cultura

Carlos Freitas<sup>1\*</sup>  
Cristiano Pluhar<sup>2\*\*</sup>

A Europa, nos fins do século XIV, buscava novas alternativas em razão da crise do sistema feudal e crescimento comercial do mundo árabe e de algumas cidades italianas. Portanto, uma nova dinâmica comercial carecia de criação por conta dos preços exorbitantes dos produtos importados exclusivamente pelos povos mencionados.

As Grandes Navegações, exercitadas pela primeira vez pelos experientes náuticos portugueses<sup>3</sup> quando da conquista de Ceuta, norte do Continente africano, expandiram o mapa mundial, fomentaram finanças e aculturaram diversos povos erroneamente tratados como *selvagens*.

Nesse sentido, em 22 de abril de 1500, portugueses liderados por Pedro Álvares Cabral chegam ao local e denominam aquela nova apropriação de *Ilha de Vera Cruz*. De imediato, por conta do lucrativo comércio com as colônias africanas, Portugal não se interessa em explorar a nova conquista; somente em 1530<sup>4</sup>, com receios da perda territorial para os franceses que mantinham contato com os índios Tamoios em troca do Pau-Brasil e com a diminuição dos lucros frente as colônias da África, é que o Rei Dom João III designa uma comitiva para o início do processo colonizador do atual Brasil. Para a tarefa, a Coroa designou o nobre Martim Afonso de Sousa que, em 1532, funda a Vila de São Vicente, primeira investida colonizadora portuguesa em terras brasileiras. Junto a ele estava Pero de Góis da Silveira que, por auxiliar na função colonizadora recebe, em troca, no dia 28 de janeiro de 1536, por Carta de Doação, a Capitania<sup>5</sup> de São Thomé.

Dois tentativas colonizadoras<sup>6</sup> se realizaram por parte do donatário; através de uma carta ao Rei Dom João III, datada de abril de 1546, Pero de Góis narra ambos insucessos:

Senhor (...) lhe dei conta de quão desbaratada achei a minha capitania, ou antes alevantada, pois toda gente que n'ella tinha deixado havia fugido com o Capitão; assim que, mais por servir a Vossa Alteza, do que pelo gosto que então d'ella tive, a não larguei e deixei, mas antes assentei e de novo comecei a povoar rio acima, obra de dez leguas do mar, por não haver agoas mais perto, onde fiz mui bôa povoação, com muitos moradores, muita fazenda (...)

Estando assim muito contentes, com ter a terra muito pacífica, e um engenho d'agoa, quase de todo feito, com muitos canaviaes (...) um homem por nome Henrique Luiz com outros, e um caravelão, semeu ser sabedor, se foi a um porto d'esta minha capitania, e, contra o Foral de V. Alteza, resgatou o que quis; e, não contente com isso, tomou por engano um indio, o maior principa que n'esta terra havia, mais amigo dos christãos, e o prendeu no navio, pedindo por elle muito resgate.

Depois de por ele He darem o que pediu (...) os indios se alevantaram todos, dizendo de nós muitos males (...) mataram tres homens, e fugindo os outros, queimaram os canaviaes todos, com a mais fazenda que havia, e tomaram toda quanta artilharia havia, e deixaram tudo extruido.<sup>7</sup>

\* Museólogo, Mestre em Políticas Sociais, atua na Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e Diretor do Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, RJ.

\*\* Licenciado Pleno em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, RS, Professor da Rede Salesiana no Instituto Profissional Laura Vicunha, Campos dos Goytacazes, RJ e escritor.

<sup>3</sup> Portugal, por certo tempo, movimentou sua economia em torno da pesca no Oceano Atlântico.

<sup>4</sup> Entre 1501 e 1502, duas expedições portuguesas visitaram a Costa brasileira com o intuito de verificar as possibilidades exploratórias da região. No dia 21 de abril de 1501, a primeira expedição cruza pelo que hoje se conhece por Praia do Farol de São Tomé e denominam o local de *Cabo de São Thomé*.

<sup>5</sup> A Coroa portuguesa utilizou, no Brasil, o sistema administrativo de divisão de terras denominado *Capitanias Hereditárias*. Essa metodologia já havia sido utilizada nas colônias portuguesas no Continente africano e visava o barateamento do processo colonizador.

<sup>6</sup> A primeira povoação na Capitania de São Thomé se chamou *Vila da Rainha*, localizada no atual Município de São Francisco do Itapaboana.

<sup>7</sup> CARVALHO, Augusto de. *Apontamentos para a Historia da Capitania de S. Thom'e*. Campos: Typ. e Lith. de Silva, Carneiro & Comp, 1888.

Após os fracassos, Pero de Góis, sem recursos, abandona a Capitania de São Thomé e se refugia em terras vizinhas, na Capitania do Espírito Santo. Retorna ao serviço ativo na Administração da colônia e sua Capitania fica sem atividade colonizadora por longo tempo. Seu herdeiro, Gil de Góis, tenta mais uma investida que também não se concretiza. Em 1619, Gil de Góis, devolve à Coroa de Portugal sua Capitania, recebendo uma indenização vitalícia.

Aqui, a História encontra um obstáculo para a tão idealizada verdade histórica: historiadores e memorialistas divergem em suas opiniões, versando sobre a vinda de Gil de Góis à região onde o índio não permitiu nova tentativa colonizadora, enquanto outros citam que o novo donatário nunca esteve na região<sup>8</sup>. O que é possível afirmar, seguindo a fundamentação de Alberto Lamego – ver nota 8 –, é que Gil de Góis devolve a Capitania à Coroa e a região permanece em posse dos índios goytacá.

Passados alguns anos, mais precisamente em 1627, *Sete Capitães* responsáveis pela expulsão francesa do Brasil e *domesticação* e *aculturação* indígena, em troca de seus serviços prestados a Portugal, solicitam junto a Coroa<sup>9</sup>, parte da Capitania de São Thomé. Atendidos em seus anseios, resolvem estabelecer o primeiro ciclo econômico no local: a criação de gado para abastecer a população do Rio de Janeiro. Assim, em 1633, o primeiro curral é erguido e o fato desperta interesse em investidores. Entre eles está o General Salvador Correia de Sá, nobre português, e de duas ordens religiosas muito influentes, Jesuítas e Beneditinos.

Uma nova escritura de distribuição é elaborada e, em 1648, redividindo as terras entre os antigos “heréos” e novos investidores. O poderoso Salvador Correia de Sá, consegue com a Coroa, a doação de um Morgado para seu neto, o primeiro Visconde de Asseca, com a obrigatoriedade de erguer duas Vilas<sup>10</sup> na região, inicia-se o trágico *Domínio dos Asseca*. Nesse mesmo período, começa o funcionamento das primeiras engenhocas produtoras de açúcar e aguardente, produtos de extrema importância na vida econômica e política da região.

Todavia, a população local, composta de grandes proprietários<sup>11</sup> sofre, por mais de um século<sup>12</sup>, com a cobrança exacerbada de impostos e a demarcação indevida das propriedades<sup>13</sup>.

A Vila de São Salvador dos Campos dos Goytacazes inicia e marca o século XVIII<sup>14</sup> com uma grande pluralidade produtiva. Contanto com o porto de São João da Barra, por onde escoava sua produção<sup>15</sup>, inicialmente à Bahia e, em pequeníssima escala, ao Rio de Janeiro.

A diversidade agrícola<sup>16</sup> é evidenciada, em 1785, por Couto Reys que mapeia<sup>17</sup> o *Distrito dos Campos Goitacaz* e frisa a produção de açúcar em 236 engenhos e o número exorbitante de 12.085 escravos. Já em 1819, o trabalho de José Carneiro da Silva, o 1<sup>o</sup>. Visconde de Araruama<sup>18</sup>, evidencia novos rumos à cadeia produtiva em que a produção de açúcar ocupa espaço ainda maior sendo produzido em 400 engenhos<sup>19</sup>.

<sup>8</sup> Alberto Lamego in *A Terra Goytacá. À luz de documentos inéditos*, página 33 – 34, escreve: “Gil de Góes não tendo recursos e nem podendo assistir no Brasil, resolveu renunciar a sua capitania em favor da Coroa e juntamente com sua mulher, passou a procuração a Antonio Diniz, residente em Lisboa, em 9 de outubro de 1618, para assignar a respectiva escriptura que foi feita em 22 de março de 1619, recebendo Gil de Góes, em pagamento a mercê de 200\$000 rs de tença em vida, com a faculdade de poder testar, por sua morte 100\$000 rs a sua mulher.” Já, Julio Feydit in *Subsidios para a História dos Campos dos Goytacazes – Desde os tempos coloniaes até a Proclamação da Republica*, página 23 relata o seguinte: “Gil de Góes em 1626 obtendo a confirmação da donataria (...) associado com João Gomes Leitão, tentaram reerguel-a do abatimento, principiando a fazer n’ella lavouras, que logo abandonaram por não ter podido resistir aos ataques dos indios.”

<sup>9</sup> A doação é feita por Martim de Sá, Governador do Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> Em 1677, em 29 de maio, é fundada a Vila de São Salvador dos Campos dos Goytacazes e, no mesmo ano, a Vila de São João da Praia, atual São João da Barra.

<sup>11</sup> Os moradores da Vila, em 1748, através da figura dita *heróica* (FEYDIT, 1900, p. 184) ou *patriótica* (LAMEGO, 1920, p. 126) de Benta Pereira, apoiada pelos Jesuítas, reclama, frente a Coroa, as arbitrariedades exercidas pelas gerações dos Viscondes de Asseca.

<sup>12</sup> Somente em 1848 é que os Asseca findam os laços com Campos. Porém, algumas propriedades permanecem sob seus domínios.

<sup>13</sup> Esse fato é reatado, em 1785, pelo Militar e Cartógrafo Manoel Martins do Couto Reys em seu trabalho intitulado *Descrição Geographica, Política e Cronographica do Distrito dos Campos Goitacaz* que serviu à elucidação do mapa construído pelo autor. As palavras do documento, página 57, são as seguintes: “Muitos homens possuidores de avultadas porcoens de terras, que nem em duplicados, ou multiplicados annos de vida as acabarião de cultivar, excitados pela cobiça de quererem dominar, e mandar tudo, tem tomado por sistema não quererem demarcar as que lhes pertencem, afim, ou de que nas terras devolutas das suas vizinhanças não venha a introduzir-se outro morador; ou para as irem lavrando affectando a duvida de que lhes parecia, que erão suas; e como taes lhes davão exercicio, para depois em qualquer tempo, saírem com embargos a qualquer novo, e bem entencionado Sismeiro, que justamente as pedisse; fundando a sua mallicia em dizer, segundo as dispoziçoens das leys que em primeiro lugar estão elles; porque de muito tempo as cultivavão em boa fe, etc assim são cá as boas fez.”

<sup>14</sup> Segundo Feydit, página 287, “Em 1785 fez a camara o primeiro calçamento da rua dos Mercadores (...)” Atual rua 13 de Maio.

<sup>15</sup> Segundo Augusto de Carvalho, página 280, em 1685 é estabelecido a cobrança de impostos a cada embarcação que aportasse no Porto de São João da Praia.

<sup>16</sup> Cana-de-açúcar, algodão, arroz, milho, feijão compõem a cadeia agrária.

<sup>17</sup> A lida de Couto Reys destaca as atividades econômicas, produtivas e sociais do *Distrito*. Além disso, faz um detalhamento da flora, fauna e possibilidades fluviais para o escoamento da produção.

<sup>18</sup> *Nova edição da Memoria Topographica e Historica sobre os Campos dos Goytacazes – Com uma noticia breve de suas produções e commercio*.

<sup>19</sup> (SILVA, 2010, p. 57)

O produto dá à Vila uma prosperidade econômica, incrementada pelo imenso comércio de escravos e pelo início do processo de imigração. Os franceses se encarregam das atividades comerciais e dão um toque de refino cultural para o local.

Em 28 de março de 1835, após a reorganização da Província do Rio de Janeiro, por conta da relevância econômica, ocorre a elevação da Vila à categoria de Cidade. Concomitantemente, inicia-se um processo de urbanização que cria novas ruas, escolas e instituições. Nesse período, Pedro de Alcântara Bellegarde é encarregado dos primeiros planos de criação de ruas e praças e, em 1837, elabora uma planta à Cidade de Campos dos Goitacazes. A influência do higienismo francês é marcante, basta ver a primeira Postura da então Vila, com seus artigos voltados para uma melhor vida urbana com mais limpeza e normas de convivência.

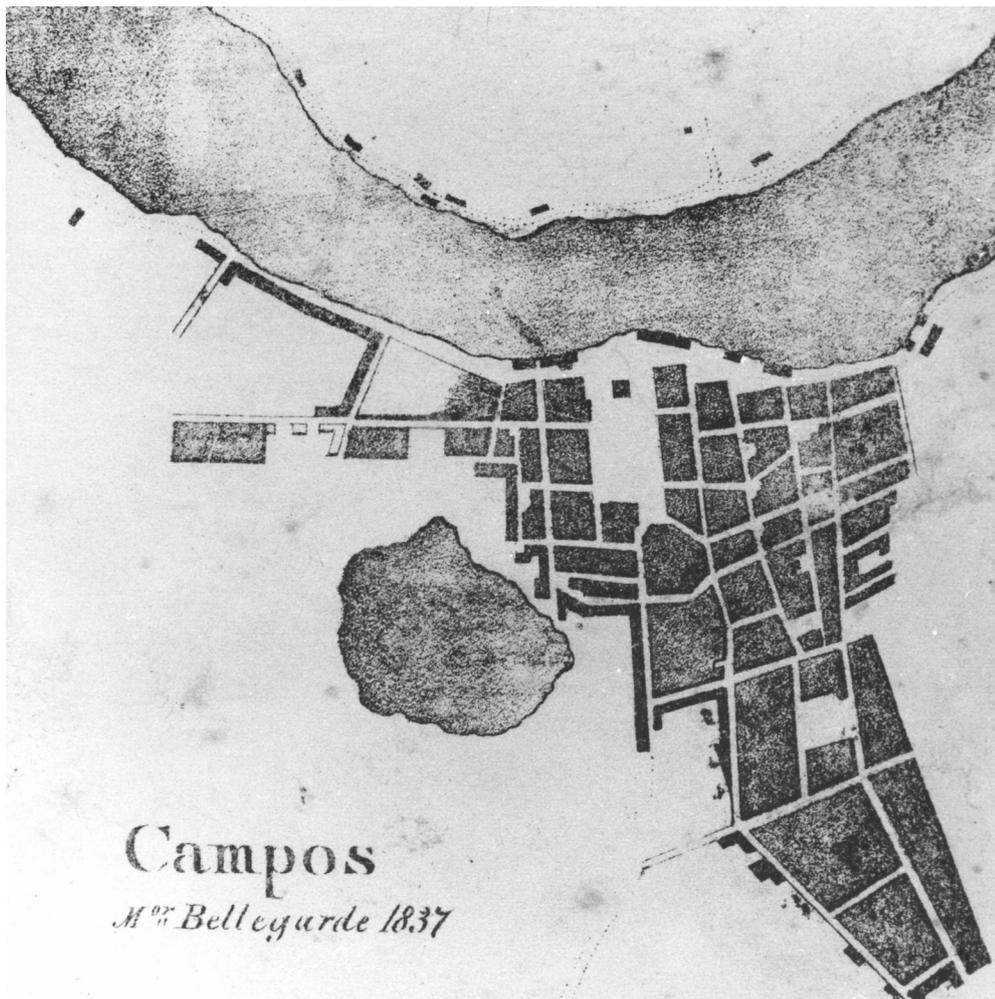


Figura 1 - Planta da Cidade de Campos dos Goitacazes, 1837  
Fonte: Acervo digital do Arquivo Público Municipal

Todavia, o crescimento econômico não caminha ao lado do campo político. A elite campista reclama da falta de atenção da Província do Rio de Janeiro com o atual Norte Fluminense. O descontentamento é tamanho que, em 1855, advém a possibilidade da criação da Província de Goytacazes que abarcaria municípios da Província do Rio de Janeiro e Minas Gerais<sup>1</sup> com Campos dos Goitacazes como Capital provincial. O movimento emancipacionista não colhe frutos<sup>2</sup>, porém afirma o potencial regional da Cidade.

A força comercial, econômica e política adentraram o século XX clamando por desenvolvimento. No decorrer do século XIX a Cidade construiu novas vias de escoamento da produção, como o Canal Campos-Macaé que, em 1872 funcionava plenamente, e, no ano seguinte a primeira ferrovia ligando *Campos a Macaé*.

<sup>1</sup> Posteriormente, municípios da Província do Espírito Santo comporiam a Província de Goytacazes.

<sup>2</sup> No decorrer do século XIX novas investidas foram feitas a fim de que Campos dos Goitacazes ocupasse a função de Capital da Província do Rio de Janeiro. Já no século XX, novas investidas; todas sem sucesso.

A cidade, porém sofreu com enchentes e epidemias por conta de um crescimento que, obviamente, não abarcava as classes menos favorecidas.

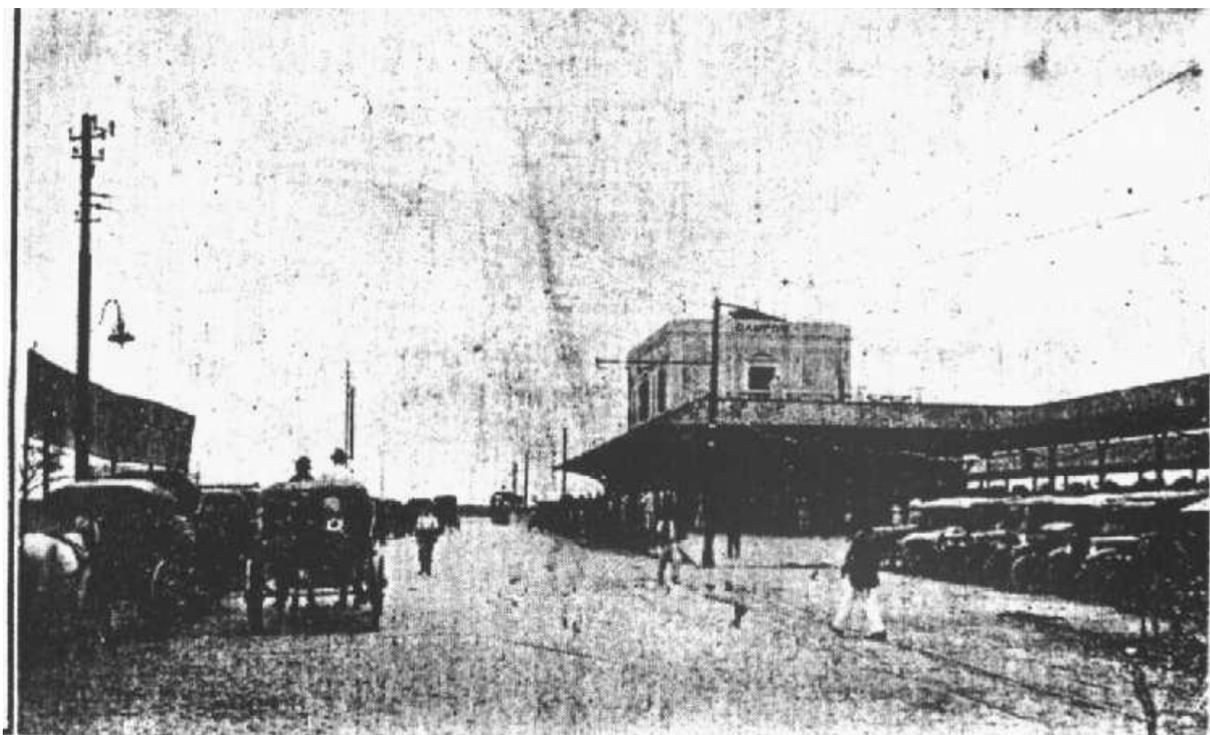


Figura 2 - A Estação do Saco, dirigida pela inglesa *Leopoldina Railway*, em 1890

Fonte: Acervo digital do Arquivo Público Municipal

Na tentativa de reverter esse quadro caótico, o sanitarista campista, Saturnino de Brito, em 1901, é contratado para realizar um projeto urbanista modernizador que animava os olhos da elite e que passou a ser executado a partir de 1910. Grandes casarões foram demolidos para permitir o alargamento de ruas centrais, diques de contenção nas margens do Paraíba, aterros de charcos e lagoas e o escoamento eficaz de águas pluviais que evitaria enchentes comuns na História regional.



**Figura 3 - Alargamento da Rua 7 de Setembro, em 1926**

Fonte: Acervo digital do Arquivo Público Municipal

É o desenvolvimento para os *Coronéis* do período da República Velha. Porém, mesmo com as melhorias atingidas e até um Presidente da República local – Nilo Peçanha entre 1909-1911 – a minoria privilegiada campista não se firma no cenário político estadual. Há, também, a constatação de uma desvalorização regional, por conta da oscilação negativa do preço do açúcar que produz um sentimento de inferioridade em relação aos investimentos oriundos do Governo do Estado, provocador de um bairrismo estagnado. Com o fechamento de várias usinas, há um grande êxodo de áreas rurais para a periferia da cidade, com a ocupação desordenada de áreas de proteção ambiental junto ao rio e canais de drenagem. Esse crescimento desordenado é o responsável por grandes problemas sociais da atualidade.

O século XXI põe Campos dos Goytacazes no cenário nacional graças ao advento da exploração do petróleo na plataforma continental. A riqueza financeira não condiz com o desenvolvimento estrutural. As enchentes perduram, as classes sociais imóveis e a doce cana-de-açúcar, move com intensidade baixa a economia local e produz absurdos como o trabalho infantil e escravo.

A falta de participação individual e popular conscientizada provoca o recosto do povo na sombra do não saber o que exigir. O ponto-chave é a comodidade em uma situação excludente dentro de uma sociedade de fachada mantenedora de padrões irreais e alienantes.

## Referências

- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- CARVALHO, Augusto de. *Apontamentos para a Historia da Capitania de S. Thom'e*. Campos: Typ. e Lith. de Silva, Carneiro & Comp, 1888.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- FEYDIT, Julio. *Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes – Desde os tempos coloniaes até a Proclamação da Republica*. Campos: Typographia de J. Alvarenga & Comp, 1900.
- LAMEGO, Alberto. *A Terra Goytacá – Á luz de documentos inéditos*. Paris: L'edition D'ART, 1913.
- \_\_\_\_\_. *A Terra Goytacá – Á luz de documentos inéditos*. Tomo Segundo. Paris: L'edition D'ART, 1920.
- \_\_\_\_\_. *A Terra Goytacá – Á luz de documentos inéditos*. Tomo Quarto. Niterói: Oficinas Gráficas do "Diário Oficial", 1941.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *Campos Capital do Estado do Rio*. Campos: Edição do autor, 1930.
- \_\_\_\_\_. *O Homem e o Brejo*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística . Conselho Nacional de Geografia, 1945.
- PERRY, Marvin. *Civilização Ocidental: uma história concisa*. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- RODRIGUES, Hervé Salgado. *Campos – Na Taba dos Goytacazes*. Niterói: Imprensa Oficial, 1988.
- ROTEIRO dos Sete Capitães. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro: IHGB, 1893.
- SILVA, José Carneiro da. *Nova edição da Memoria Topographica e Historica sobre os Campos dos Goytacazes – Com uma noticia breve de suas produções e commercio*. Rio de Janeiro: Typographia Leuzinger, 2010.
- SOUSA, Horacio. *Cyclo Aureo – a História do 1º. Centenario de Campos 1835-1935*. Campos dos Goytacazes: Artes Graficas. Escola de Aprendizes Artífices, 1935.
- VIANNA, Helio. *História do Brasil*. 5ª. ed. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1967.